

Norte puxa alta do PIB, além do Centro-Oeste

Conjuntura Região foi a que mais avançou no 2º trimestre e deve ficar atrás apenas do Centro-Oeste em 2023, estima consultoria

PIB do Norte surpreende, mas seca e demanda global são riscos

Analís Fernandes
São Paulo

Não é só o Centro-Oeste e a força de seu agronegócio que têm dado contribuição importante para o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil neste ano. A presença de elementos menos dependentes do ciclo econômico doméstico — como a própria agropecuária, mas também a indústria extrativa — e de fatores ligados à força da renda e à resiliência do mercado de trabalho, como no setor de serviços, têm impulsionado a atividade no Norte do país. A seca extrema na região e a desaceleração da demanda global, por outro lado, são riscos para esse cenário mais benigno, alertam economistas.

O crescimento da região Norte surpreendeu no segundo trimestre e, no ano, só deve ficar atrás do Centro-Oeste, estima a 4inteligence. A consultoria busca reconstruir a metodologia do IBGE para o PIB das regiões a partir de dados pulverizados e de uma dezena de milhares de séries.

No segundo trimestre, o PIB do Brasil cresceu 0,9%, em relação aos três meses imediatamente anteriores. Mas a 4inteligence calcula que o PIB do Norte avançou 2,6%, à frente do Nordeste (2,3%) e do Sudeste (0,4%). A região Sul registrou queda de 0,8%, e o Centro-Oeste, contração de 3,3%, estima a 4i, ambos influenciados pela relativa acomodação da agropecuária após o boom do primeiro trimestre.

Para o ano, a previsão da 4i é que o PIB do Brasil cresça 3,2%, mas o Norte deve avançar 4,8%, atrás apenas do Centro-Oeste, que crescerá 4,9%. O Sul e o Nordeste também apresentariam resultados acima da média nacional, com crescimentos de 4,1% e 3,9%, respectivamente. Em contrapartida, o Sudeste deve registrar desempenho inferior, de 2,2%.

"Os números mostram quão heterogêneo é o comportamento das regiões, e essa assimetria tem a ver com as dinâmicas setoriais", diz Bruno Laviéri, economista-chefe e cofundador da 4inteligence.

A agropecuária, por exemplo, puxa todas as regiões, mas as magnitudes são diferentes, aponta. "O Centro-Oeste é o mais beneficiado, mas o Norte também tem área plantada significativa, além do Sul. Já no Sudeste, mesmo que a região tenha uma produção agrícola relevan-



Bruno Laviéri: comportamento heterogêneo do PIB entre as regiões em 2023 deve se tornar mais homogêneo em 2024

te, a participação no seu PIB é pequena", afirma.

A região Norte apresentou, segundo a 4i, o segundo maior crescimento agropecuário para o período de abril a junho: 4%, ante o primeiro trimestre, feito o ajuste sazonal, atrás do Sudeste, com crescimento de 6,6%.

Sobre o Norte, a 4i destaca a previsão de produção recorde de soja, com aumento da área plantada, e o fato de a região ter sido responsável por 22% do total de abates de carne bovina.

A força do agro conta parte importante da história da atividade no Norte, mas não é só isso. O aumento da renda disponível das famílias também costuma ser bom para Estados como o Amazonas, observa Mauro Sá, professor do departamento de economia e análise da Universidade Federal do Amazonas.

A 4i nota que o aumento de 2,6% do PIB do Norte no segundo trimestre foi puxado pelo setor de serviços, com avanço de 3%, sendo o comércio responsável por 6,6%.

Além disso, há a indústria, mas sua composição e distribuição pela região é diversa, aponta Laviéri.

Na pesquisa mensal do IBGE

para a produção industrial, a região Norte é representada por Amazonas e Pará. Neles, a indústria como um todo sobe 6% e 2,1%, respectivamente, no ano até agosto, na contramão da média da indústria brasileira, que recua 0,3%, em relação ao mesmo período de 2022.

Mas, enquanto no Amazonas a indústria de transformação avança 6,5%, a extrativa recua 1,1%. No Pará, ocorre o inverso: a indústria de transformação cai 3,9%, e a extrativa avança 3,2%.

Em períodos de expansão econômica do Brasil, a dinâmica do polo industrial amazônico tende a se beneficiar, diz Sá. "Isso ocorre apesar das incertezas com a reforma tributária, que deixam os investimentos em compasso de espera", pondera, em referência às dúvidas que pairavam a respeito da tributação na Zona Franca de Manaus.

No Pará, a grande influência é da indústria extrativa de minério de ferro. No PIB do segundo trimestre, a região Norte teve um crescimento de 2% da indústria geral, segundo Laviéri, "mas dá para ver que foi puxado pelo crescimento de 4,5% do Pará", afirma.

Esse quadro, no entanto, inspi-

ra cuidados. "A demanda tem perdido fôlego, porque o cenário internacional não é o mais favorável. Os países desenvolvidos crescem menos, a China tem frustrado. Isso afeta um pouco o preço e também volumes [de exportação]", diz Laviéri. "Ainda assim, esse ano tende a ser bom em termos de volume", afirma.

Em 12 meses até setembro, o volume exportado da indústria extrativa avança 19,6%, enquanto os preços recuam 15,4%, de acordo com dados do Indicador de Comércio Exterior (Icomex), da Fundação Getúlio Vargas.

"O preço é influenciado por vários fatores, não é só a demanda frustrada da China, mas o cenário global de aperto monetário fortalece o dólar e derruba os preços nominais", diz Laviéri.

Guardadas as devidas proporções, o Amapá também tem uma

"Centro-Oeste e Norte vão ganhar em termos de peso político"
Sergio Vale

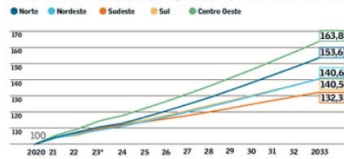
Assimetrias

Dinâmicas setoriais marcam PIB regional heterogêneo no Brasil

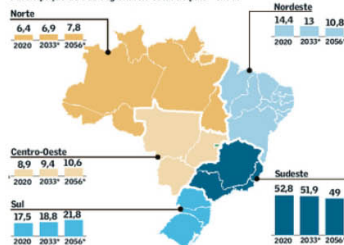
Estimativa de crescimento do PIB, por região - em %



Crescimento do PIB na década, por região - em número-índice (2020 = 100)



Participação do PIB regional no total do país - em %



Fontes: 4inteligence e MB Associados. *projeções da MB Associados a partir de 2023

dinâmica econômica mais ligada à extração mineral, enquanto Tocantins e Rondônia se assemelham mais ao Centro-Oeste, por causa da expansão agrícola, diz Sá. "O Acre também tem características nesse sentido", afirma.

Para 2024, a 4i espera um crescimento mais homogêneo entre as regiões brasileiras, com a saída "desse cenário de fatores atípicos", diz Laviéri, em referência ao desempenho excepcional da agropecuária neste ano.

Olhando à frente, a seca extrema e o fenômeno climático El Niño colocam "um pouco de apreensão" com a parte agrícola do Norte, por exemplo, na região do chamado Matopiba, que inclui Tocantins, diz Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados.

As condições climáticas adversas também podem atrapalhar a indústria. "Acho que pode arrefecer o resultado [da atividade no Norte] deste ano. A minha dúvida é em relação ao hiato de tempo", diz Sá. "É possível que alguns setores já tenham passado por cima desse problema, porque tem o período de produção que vai até setembro, para a Black Friday e o Natal", pondera.

Em um horizonte mais de longo prazo, o Centro-Oeste deve continuar sendo a região de maior crescimento, segundo Vale. Mas o Norte também pode se beneficiar, apesar dos desafios de curto prazo.

Vale estima que o Centro-Oeste deve crescer 64% entre 2020 e 2033, e o Norte, 54%. Nordeste e Sul avançarão 41% cada um, e o Sudeste, 32%. "Em 2020, a soma dos PIBs do Norte e do Centro-Oeste equivaliam ao do Nordeste, mas, em 30 anos, a soma dos PIBs das duas regiões deverá ser quase o dobro do PIB nordestino", afirma.

Por causa das commodities, diz, tanto o Centro-Oeste quanto o Norte devem ganhar espaço em cima, um pouco, do Sudeste, mas principalmente do Nordeste. "Se a região não conseguir encontrar algo mais estrutural de longo prazo, produção para exportação via acordos comerciais, por exemplo, não consigo achar um segmento que traga mais dinâmica para o Nordeste", diz Vale.

"A consequência disso, segundo o economista, é política. "Peso econômico se traduz em peso político. As duas regiões [Centro-Oeste e Norte] vão ganhar em termos políticos de forma importante nos próximos anos", afirma.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil **Caderno:** A **Página:** 4